

A sustentabilidade da arquitectura ... outra vez



Miguel Marques Pereira

Administrador do FOCUS GROUP

A sustentabilidade é hoje uma palavra gasta, com múltiplas interpretações, deturpada pela pressão imobiliária do fazer diferente. De palavra estranha e longínqua propriedade de alguns académicos, a sustentabilidade passou a andar na boca de toda a gente, em todas as campanhas de marketing verde e mesmo expressão corrente entre aqueles que contribuem pouco ou nada para a dita sustentabilidade.

A banca financeira virou de um dia para o outro em sustentável, no imobiliário não se fala de outra coisa e até já existem galas anuais para a sustentabilidade.

No entanto é curioso, que num momento em que a sustentabilidade está na ordem do dia, é cada vez mais difícil entender objectivamente o conceito, e expressar de forma clara e objectiva o que é um bem ou serviço sustentável.

Na arquitectura, a indústria já se ocupou de começar a inundar o mercado com produtos e soluções "sustentáveis", nem sempre respondendo de forma objectiva ao desafio básico da sustentabilidade - "o uso sustentável dos recursos naturais deve suprir as necessidades da geração presente sem afectar a possibilidade das gerações futuras de suprir as suas (Brundtland, 1987).

Falta ainda um enorme caminho para que se perceba se um dado material é realmente sustentável ao longo de todo o seu ciclo de vida desde a fabricação à sua destruição. Um material reciclado não é por si só condição para a sua sustentabilidade, uma vez que a energia induzida nesse mesmo material poderá ser muito maior do que aquela de um material natural semelhante.

Numa fase em que a sustentabilidade se começa a enraizar no senso comum dos consumidores, arquitectos e decisores políticos importa começar a consolidar o conceito através de abordagens técnicas rigorosas aos princípios e soluções subjacentes à sustentabilidade.

Importa assim sistematizar antes de mais muita da informa-

ção que se encontra dispersa por vários organismos e entidades com responsabilidades na certificação de materiais construtivos, procurando criar uma base de dados nacional com todos os materiais disponíveis no mercado, com informação uniformizada sobre índices concretos das características do material que possam contribuir para a sustentabilidade final da construção.

À semelhança do que já acontece para aferir a eficiência energética dos electrodomésticos e equipamentos mecânicos, seria interessante organizar os materiais construtivos por "índice de sustentabilidade" com índices tão diversos como a sua durabilidade, a sua energia induzida, a sua regenerabilidade no fim do ciclo de vida, etc, permitindo ao arquitecto, empreiteiro e consumidor final fazer escolhas assertivas sobre o seu contributo para a sustentabilidade global.

Mas também a certificação ambiental deveria ser repensada. A sustentabilidade é hoje um negócio que alimenta inúmeras consultoras de sustentabilidade que implementam complexos procedimentos de certificação, indecifráveis para a maior dos consumidores e técnicos. Deveria assim desenvolver-se um sistema uniforme, simples e acessível de aferição da sustentabilidade de uma dada construção, podendo mesmo esse índice vir a ter impacto nas taxas municipais de IMI, tal como acontece hoje em dia na questão energética. Estes modelos de avaliação da sustentabilidade, ao acesso de todos, seriam assim um primeiro nível de aferição que poderia depois dar lugar a um (ou vários) sistemas de certificação que ficariam então ao critério dos promotores no sentido de diferenciar os seus produtos imobiliários.

Importa pois pôr a sustentabilidade ao serviço dos arquitectos, promotores e consumidores e não continuar a usar o conceito, como um elaborado e complexo conjunto de indicadores indecifráveis, ou como uma palavra bonita para "embrulhar" empreendimentos imobiliários iguais a tantos outros.